

O REPERTÓRIO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

CAMILA BARBOZA CASTRO¹; REGIANA BLANK WILLE²

¹Universidade Federal de Pelotas – castrobcamila@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A infância é um período marcante na vida de todos. Mesmo para aquelas pessoas que não a consideram, trata-se de um momento essencialmente formador do sujeito. É época de muitas descobertas e constantes desenvolvimentos motor, sensorial, social, cognitivo; enfim, de pleno desenvolvimento.

Considera-se infância o tempo compreendido entre o nascimento e a adolescência, sendo, portanto, dos zero(0) até os doze(12) anos, constituindo a figura da criança. Conforme a lei brasileira: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” (BRASIL, 1990, Art.2)

Comumente são compreendidas fases distintas da infância, compondo dessa forma a “primeira infância” (0-3anos), a “segunda infância” (3-6) e a “terceira infância” (6-12). Entretanto, essa divisão é contestada por vários profissionais de áreas distintas como a Sociologia, Psicologia, Antropologia e infância em geral. Como exemplo, a primeira infância é definida por psicólogos do desenvolvimento precisamente como o período de tempo do nascimento até o início da independência locomotora que seria a partir dos dois anos de idade. E, sendo assim, o marco para partir à “segunda infância” seria a transição do final dos dois anos para o início do terceiro, quando as crianças passam a “(..) compreender e responder à comunicação linguística e a andar de modo eficiente, sem quedas constantes.”(GOTTLIEB, 2009, p.317) Porém, por uma visão da Antropologia, o entendimento do período “primeira infância” por certeza biológica não deve ser referência na compreensão do mesmo, pois entende que esse tipo de definição é, na verdade, uma convenção cultural do calendário ocidental. Sendo assim, se reduz à determinado grupo social e norma de tempo com a qual este se “regra”, por assim dizer. Muitos povos não ocidentais abordam de maneira contextual, como pela aquisição de uma habilidade específica de desenvolvimento, por exemplo andar com segurança, não importando o período em idade, que foi apreendida e, por vezes, sem nem estipular um nome para isso, sem propriamente definir um período de desenvolvimento da criança.

Há diversas compreensões sobre a infância e seus períodos (ou não períodos) no mundo inteiro, variando então temporalmente e culturalmente. O próprio início da “primeira” infância, como o seu fim, é também passível de discussão. Para boa parte das definições seu início se dá no nascimento, mas para alguns povos a infância já começa no útero e, ao mesmo tempo, outros a estabelecem em alguns dias posteriores ao nascimento. (GOTTLIEB, 2009)

Já de acordo com a UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância – que intende promover os direitos e o bem-estar de crianças e adolescentes ao redor do mundo, a primeira infância se estabelece desde a concepção até os 6 anos de idade. Também compreende que esse período é “uma janela de oportunidades crucial para a saúde, o aprendizado, o desenvolvimento e o bem-estar social e

emocional das crianças” e, portanto, os acontecimentos nesses primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, as intervenções que ocorrem nesse período são constituidoras da base do desenvolvimento. (UNICEF, 2022)

Diante disso, inicio essa discussão a fim de interpelar e desenvolver sobre os repertórios musicais para os bebês e crianças dos 0 aos 4 anos, me limitando a faixa etária com a qual trabalhamos no projeto de Musicalização Infantil da UFPEL. Irei permear questões pertinentes ao desenvolvimento infantil e ao desenvolvimento musical que corroboram para a escolha e os objetivos do repertório musical.

2. METODOLOGIA

A escolha do repertório para as aulas de musicalização é sempre uma questão recorrente e importante da educação musical, ainda mais quando se trata da musicalização de crianças pequenas. Nos dias de hoje as crianças são bombardeadas de informações audiovisuais constantes desde seu nascimento, principalmente em função do desenvolvimento tecnológico e cibernético. O *Tiktok*, desenhos animados e vídeos diversos nas plataformas de *streaming*, são muitos os estímulos e são em sua maioria intensos e rápidos. No projeto de Musicalização buscamos trazer outras referências sonoras como canções africanas ou latino americanas, resgatar música de povos originários, as cirandas e brincadeiras de roda, tudo que pode nos aproximar das outras gerações e outros estímulos sonoros e motores. Não obstante reconhecer e também aproveitar os novos conteúdos de educação musical e seus repertórios relacionados.

A faixa etária dos 0 aos 4 anos, conforme discussão anterior, pode parecer e ser um período muito parecido, porém, no trabalho da educação musical e no processo de desenvolvimento infantil entendemos como idades distintas, utilizando outras estratégias pedagógicas e ferramentas de ensino, embora por vezes utilizamos o mesmo repertório musical. Parece controverso, mas não é.

Um fator de extrema relevância para o aprendizado da criança é a repetição. Seja com um ou quatro anos, a criança apreende conteúdos e habilidades conforme repete ações e escutas.

Na aula de musicalização no projeto pensamos o repertório para cada momento da aula ou fazemos o processo contrário, através de determinada canção repensamos e relacionamos a mesma com os momentos. Esses momentos, que podemos chamar de estrutura da aula de musicalização, compõem de forma majoritária os objetivos musicais e extra-musicais envolvidos no processo. São eles: Boas vindas, Limpeza dos ouvidos, Expressão corporal, Percussão corporal, Brinquedo projetivo, Movimento sem locomoção, Movimento com locomoção, Socialização, Cirandas, Conjunto de Percussão, Relaxamento e Despedida.

Os objetivos pedagógicos musicais são diversos, desde a exploração e compreensão das alturas (agudo, grave), de intensidade, de instrumentos musicais até as notas musicais e padrões rítmicos.

Os objetivos mudam conforme a idade em função de fatores do desenvolvimento (musical) infantil. E é aqui onde “dividimos” a “primeira infância”. Partindo do modelo espiral de desenvolvimento musical de Swanwick e Tillman, do nascimento aos 2 anos a criança está no primeiro elo, no estágio de “maestria”. Os elos ou sessões da espiral do desenvolvimento musical de Swanwick e Tillman foram desenvolvidos com a associação a conceitos da área da psicologia que se

relacionam com o jogo infantil (maestria, imitação, jogo imaginativo e metacognição). O estágio de maestria está relacionado aos materiais sonoros e significa que a criança pode estar em dois níveis, o sensorial e o manipulativo. No caso da criança até 2 anos ela está no sensorial. “Neste nível, ela se interessa principalmente por explorar a qualidade sonora dos objetos, como o timbre, a altura, a duração e a intensidade - variações extremas de dinâmica” (JABER, 2013, p. 70).

Por volta do segundo ano de vida a criança passa para o nível manipulativo, quando ela já adquire maior controle motor e então começa a realizar produções sonoras com maior precisão e alguma intenção, apresentando ao poucos uma regularidade rítmica e no pulso. Este nível segue aproximadamente até os 4 anos. “Isso se torna para a criança uma fonte de prazer, o que a faz desejar manipular essas fontes sonoras por mais tempo, para produzir mais som, agora com a repetição de alguns padrões musicais” (JABER, 2013, p. 71).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças que participam do projeto desde os primeiros meses de vida até os 4 anos demonstram desenvolvimento cognitivo musical significativo. Elas são capazes de entoar as melodias das canções com precisão, realizando pulsação uniforme e ritmos seguros. Claro, frutos de um trabalho constante.

Porém, é possível verificar o amadurecimento tênue desse processo a cada etapa. Talvez não a cada aula, a cada semana, mas no prosseguimento a cada pequeno conjunto de semanas, a cada mês, a cada conjunto de meses, ao final do ano. A repetição das canções durante cada aula e ao longo das semanas permitem que a criança se adapte, conheça, passe a se desinibir e se apropriar dos gestos, percussões corporais e melodia. A mudança do repertório gradual e pontuada em determinadas faculdades a serem trabalhadas permitem com que haja o novo durante a aula, fator básico partindo da essência exploradora da criança. Também permite que se avance nos conteúdos musicais e abordagens do desenvolvimento.

Quando falamos dos bebês especificamente, percebemos nos primeiros contatos com determinada canção que eles (neurotípicos¹) ficam atentos, porém “sem foco”, ouvindo e olhando para tudo, para os instrumentos, as professoras, os colegas, recebendo todos estímulos audiovisuais e às vezes táteis. Com a repetição das músicas durante as semanas, já passam a conhecer o ambiente, as cores, os sujeitos, a melodia. Então o bebê passa a direcionar o olhar com mais tempo, a mover a boca, movimentar o corpo e membros. Logo, está balançando e balbuciando as canções. Em sequência começa a movimentar-se nos momentos dos gestos, começa a bater palmas e segue o processo.

Para as crianças maiores, mesmo as que recém ingressaram no projeto, os primeiros contatos são muito parecidos com os bebês. Porém, ao final do primeiro ou segundo mês as crianças já entenderam a mecânica e o tempo dos gestos, como já tem maior vocabulário, cantam mais e com maior afinação e já executam cada vez com mais precisão os ritmos propostos.

Ressaltamos que, apesar das diferenças mais comuns observadas por faixa etária, entendemos que toda criança tem seu próprio processo de ensino aprendizagem. Portanto, ainda que tenhamos indícios sólidos das etapas do desenvolvimento infantil e musical, sempre nos baseamos na observação das

¹ Neurotípico: termo utilizado para descrever indivíduos com desenvolvimento e funcionamento neurológico típico, que não possuem diferenças de desenvolvimento.

crianças individualmente e no grupo, sem exigir a excelência em determinada habilidade musical. Significa levar em consideração sua idade e trabalhando para diminuir as diferenças e explorar o potencial máximo para cada caso.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, podemos sim nos basear nos estudos feitos com crianças que trazem resultados fidedignos quanto ao desenvolvimento cognitivo e cognitivo musical. Porém, não devemos nos prender à eles, a uma definição de período, ao que é adequado à primeira, segunda ou terceira infância, mas sim ao que é adequado ao momento da criança e do grupo de crianças. A respeito do repertório, é importante que seja escolhido com objetivo, com qualidade sonora e com respeito ao desenvolvimento da criança, do sujeito em específico com o qual estamos lidando. Sem esquecer de trazer o foco para o andamento, pois é o processo que trará resultados, lembrando sempre que como todo processo e toda criança, é único.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Acesso em: 10 ago. 2022. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>.

GOTTLIEB, A. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 20, p. 313-336, 2009.

JABER, M.S. **O BEBÊ E A MÚSICA: sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UNICEF. **Desenvolvimento Infantil**. unicef.org. Acessado em: 15 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>>.